

QUESTÕES DE CRONOTOPIA E ELABORAÇÃO PSÍQUICA EM CONTEXTO DE INTERNAÇÃO HOSPITALAR: DIÁLOGOS ENTRE BAKHTIN E A PSICANÁLISE

ON CHRONOTOPE AND PSYCHIC ELABORATION IN THE CONTEXT OF HOSPITAL ADMISSION: A DIALOGUE BETWEEN BAKHTIN AND PSYCHOANALYSIS

Maria Eduarda Freitas Moraes

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
<https://orcid.org/0000-0002-2625-7934>
mariaefmoraes@gmail.com

Eduardo da Silva Moll

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
<https://orcid.org/0000-0002-0635-9845>
molleduardo@outlook.com

RESUMO: Na interface entre o pensamento bakhtiniano e a psicanálise, este artigo tem como objetivo relatar e discutir um caso de acompanhamento psicológico em internação hospitalar por COVID-19, visando a refletir sobre possíveis relações entre elaboração psíquica e alteridade no cronotopo pandêmico. Para tanto, parte-se de um relato de caso clínico em psicanálise conduzido por uma das autoras. Os atendimentos foram realizados em uma instituição hospitalar. Nesse âmbito, discute-se o cronotopo que permeou a pandemia, salientando o desalento enfrentado pelos sujeitos no contexto brasileiro. Ainda, interroga-se de que maneira o encontro com o outro oportuniza a simbolização da experiência de internação, da angústia e, em última instância, do vazio vinculado à impossibilidade de representar a própria morte. Conclui-se enfatizando que o encontro com o outro ampara o enfrentamento subjetivo ao desalento.

Palavras-chave: Alteridade; COVID-19; Elaboração psíquica; Psicanálise; Teoria dialógica do discurso.

ABSTRACT: Intertwining Bakhtinian thought and psychoanalysis, the purpose of this paper is to report and discuss a case of psychological follow-up after hospitalization due to COVID-19, aiming to reflect upon feasible relations between psychic elaboration and otherness in the pandemic chronotope. First, we present a clinical case report in psychoanalysis conducted by one of the authors. The appointments were held in a hospital. In this context, the chronotope that permeated the pandemic is discussed, highlighting the despair experienced by individuals in the Brazilian context. Secondly, the encounter is questioned in its ability to foster the symbolization of the hospitalization experience, of anguish and, ultimately, of the void linked to the impossibility of representing one's own death. Finally, we conclude by emphasizing that the encounter with the other is what can sustain a despaired subject.

Keywords: Alterity; COVID-19; Psychic Elaboration; Psychoanalysis; Bakhtinian Studies.

I INTRODUÇÃO

Na interface entre o pensamento bakhtiniano e a psicanálise, este artigo tem como objetivo relatar e discutir um caso de acompanhamento psicológico em internação hospitalar por COVID-19, visando a refletir sobre possíveis relações entre elaboração psíquica e alteridade no cronotopo pandêmico.

O filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin¹ integrou um grupo composto por intelectuais russos, reunidos entre 1919 e 1929, em Nevél e Vítebsk. Posteriormente denominado Círculo de Bakhtin, tal grupo legou provocações relevantes a teorias emergentes da sua época (Grillo, 2012). O centro de sua teoria enfatiza a análise de enunciados considerando os sujeitos e os contextos sociais e ideológicos nos quais estes interagem responsivamente, não apenas respondendo às vozes sociais e ao outro-interlocutor, mas também deles esperando respostas, em um movimento dialógico de construção de sentidos (Faraco, 2009).

A psicanálise, por sua vez, advém do dispositivo clínico desenvolvido por Sigmund Freud, responsável por mobilizar a noção de inconsciente como determinante do pensamento e da conduta humana. A partir dos anos 1950, tal dispositivo é discutido e (re)inventado a seu modo por Jacques Lacan, que enfatiza o inconsciente estruturado como uma linguagem. Autores brasileiros, dentre eles Dunker (2023), Kehl (2009) e Birman (2021), seguem elaborando modos de intervir e fazer presente a escuta do inconsciente frente às problemáticas contemporâneas brasileiras.

Retomando a teoria dialógica do discurso, nessa abordagem, alteridade e dialogismo são conceitos fundamentais para compreender o sujeito e sua relação com a linguagem. Nessa via, entende-se que “a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros” (Bakhtin, 2016, p. 54). Logo, o enunciado do sujeito responde a enunciados que o antecedem (já-ditos) e sucedem (não-ditos ou dizeres possíveis), os quais o convocam à experiência de interação discursiva, historicizando, em determinadas esferas da atividade humana, signos ideológicos, palavras e vozes sociais que participam da nomeação do mundo desde pontos de vista singulares, conquanto coletivos. Portanto, segundo Bakhtin (2016), o enunciado, uma vez dependente de “seu *direcionamento* a alguém, de seu *endereçamento*” (p. 62, grifos no original), necessariamente “ocupa uma posição *definida* em uma dada esfera da comunicação, em uma dada questão, em um dado assunto” (p. 57, grifos no original), fenômeno concretizado no tom volitivo-emocional, nas valorações que o sujeito manifesta em seu discurso.

Tendo tais aspectos em vista, a construção de enunciados na interação discursiva considera sujeitos situados, tanto no tempo quanto no espaço. Conforme notam Morson e Emerson (2008), o caráter *encarnado* do sujeito bakhtiniano precisa ser levado em conta ao analisarmos os sentidos tensionados no enunciado, observando a vida concreta do discurso. Por isso, Bakhtin (2018a), em *As formas do*

¹Este trabalho irá centrar sua discussão nas obras assinadas por Mikhail Bakhtin. Entretanto, “houve uma colaboração estreita entre Bakhtin, Medviédev e Volóchinov na segunda metade dos anos 1920, da qual todos os três se beneficiaram em obras publicadas posteriormente” (Grillo e Américo, 2019, p. 33). Sendo assim, enfatiza-se a importância de Pável Nikoláievitch Medviédev e Valentin Volóchinov para os escritos de Bakhtin após os encontros, levando-nos a designar o todo da produção, sem desconsiderar as autorias, como pensamento/ideário bakhtiniano ou teoria dialógica do discurso (Barbosa; Di Fanti, 2020).

tempo e do cronotopo, põe em cena “a interligação essencial das relações de espaço e tempo” (p. 11) no estudo literário, visando a estudar de que maneira “o tempo se adensa e ganha corporeidade, torna-se artisticamente visível; o espaço se intensifica, incorpora-se ao movimento do tempo, do enredo e da história” (p. 12). Neste trabalho, interrogamos a experiência da pandemia do coronavírus no Brasil, apresentando um caso clínico em psicanálise atendido pela primeira autora, que atuou como psicóloga em um hospital durante a pandemia, trabalhando desde a perspectiva psicanalítica. A paciente atendida fora internada devido à infecção por COVID-19 nas Unidades de Terapia Intensiva (UTI) e na unidade de internação clínica; esteve internada cerca de 90 dias.

A interface entre os estudos bakhtinianos do discurso e a psicanálise é, em nosso caso, profícuo, porque, em ambas as áreas, a interrelação entre sujeito, espaço e tempo (experiencial e psíquico) é essencial ao estudo das formas históricas de *ser/existir* e *dizer-se ao(s) outro(s)*. Nesse quesito, Walter Benjamin (2020) defende que a aceleração do tempo, no que se refere à frequência e à intensidade de estímulos e informações, ocasiona a perda da capacidade subjetiva de formular experiências. Segundo o autor, designa-se experiência a vivência transmissível aos outros, comunicável – e que, portanto, permite ao sujeito poder se apropriar do vivido (Benjamin, 2020). Nesse cenário, hipotetizamos que a incapacidade de se reconhecer no tempo e no espaço pandêmicos possa indiciar a constitutiva relação entre experiência, enunciação e subjetivação.

A pandemia de COVID-19 produziu um cenário catastrófico e potencialmente traumático para a população, tendo em vista o número de mortos e o desalento² a que fora deixado o Estado brasileiro (Birman, 2021; Verztman E Romão-Dias, 2020). De acordo com uma revisão de estudos nacionais e internacionais sobre o impacto da pandemia da COVID-19 na saúde mental da população em geral (PAVANI *et al.*, 2021), percebe-se a intensificação de manifestações relacionadas ao adoecimento psíquico, como angústia, insônia, estresse, medo extremo, sensação de impotência e irritabilidade. Ainda conforme Pavani *et al.* (2021), o estigma atribuído às pessoas infectadas por COVID-19 incide negativamente na saúde mental dessa população, parecendo produzir uma repulsa à doença nos outros, ou a exigência de curar-se do vírus rapidamente, para que não seja preciso encarar a realidade pandêmica, bem como as demandas éticas e políticas que esse problema de saúde pública exige.

Frente ao exposto, este artigo debruça-se sobre a internação de uma paciente afastada da família, devido às limitações das visitas presenciais, bem como sobre as questões possivelmente traumáticas, como o discurso frequente sobre a morte, a fragilidade do corpo, as dores e a exposição à morte de outros pacientes internados. Isso será realizado desde o viés dos estudos bakhtinianos em interface com a psicanálise. Primeiramente, apresentaremos as escolhas metodológicas que orientam este trabalho; em seguida, traremos um relato da internação, seguido das discussões. Nessa seção, a análise será apresentada juntamente com os fundamentos teóricos que a amparam, em um movimento dialógico entre o material clínico e a reflexão dos pesquisadores. Finalmente, nas considerações finais, sintetizamos teo-

2 Optou-se pelo termo desalento em detrimento do conceito de desamparo devido à discussão proposta por Joel Birman (2021) que indica que, enquanto o desamparo é, de algum modo, constitutivo da subjetividade e do psiquismo, o desalento não. Segundo o autor, a posição de desalento deixa o sujeito sem recursos frente à catástrofe, em estado de angústia, representando, portanto, uma posição com maior potencial traumático. Birman (2021) enfatiza que essa foi a posição colocada pelo Estado brasileiro no contexto pandêmico.

ria e prática, relacionando o cronotopo pandêmico, a elaboração psíquica do sofrimento e a alteridade implicada na escuta analítica.

2 ESCOLHAS METODOLÓGICAS E QUESTÕES ÉTICAS

Segundo Rohling (2020) e Leiroz e Sacramento (2021), a possibilidade de assimilar e elaborar a pandemia e seus efeitos foi comprometida, dentre outros aspectos, pela subversão espacial desse período, além da diluição e/ou condensação temporal pelas medidas de *lockdown* e afastamento social. Ainda, o desalento decorrente da experiência contínua de contato com a morte – com isso contemplando o potencial traumatismo que envolve essa situação – foram intensificados pela desassistência social do Estado brasileiro no período de maior intensidade da pandemia, entre 2020 e 2022 (Birman, 2021).

Desde um viés bakhtiniano, diríamos que esse cenário particulariza condições cronotópicas da interação discursiva, referindo, pelo conceito de cronotopo, as relações indissociáveis entre tempo, espaço e construção de sentido (Bakhtin, 2018b). Com isso, a vivência concreta da alteridade e do diálogo – condicionais à estruturação da subjetividade e da consciência, visto que “[e]u tomo consciência de mim e me torno eu mesmo unicamente me revelando para o outro, através do outro e com o auxílio do outro” (Bakhtin, 2018b, p. 322) – pode ter apresentado características próprias na pandemia, demandando o estudo das incidências cronotópicas no manejo clínico.

Em interlocução entre a teoria dialógica do discurso e o pensamento lacaniano, Pinheiro, Aguiar e Carvalho (2019), enfocando a grande alteridade cultural em que se situa a linguagem, reiteram a tese lacaniana de que o “Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito” (Lacan, 2008, p. 200). Portanto, enunciar uma experiência de falta do/no Outro, além de mobilizar relações alteritárias inscritas na linguagem, implica assumir um ato responsivo, conforme propõe Bakhtin (2010) ao salientar que toda produção de sentido é uma resposta que perfaz uma tomada de posição, trazendo implicações éticas em relação ao outro. Então, partimos da ideia de que, no cronotopo pandêmico, a revelação do eu ao outro (Bakhtin, 2018b) em contexto clínico mobiliza relações alteritárias e dialógicas relacionadas à representação da imagem do sujeito no discurso, em um dado espaço e tempo (Bakhtin, 2018a), cerne desta discussão.

Propondo o diálogo entre Bakhtin e Lacan, estamos cientes de que o lugar epistemológico no qual se engendra a tomada de posição pelos sujeitos de ambas as teorias trazem diferenças incontornáveis. A própria noção de sujeito difere: para Bakhtin (2010, p. 44), o sujeito, tendo incorporado a linguagem, atua com todo o seu ser na concretude da vida vivida, ao pensar, falar, imaginar. Quanto à Lacan (2008, p. 92), é elucidativa a intervenção que F. Wahl faz em 26 de fevereiro de 1964, no seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*: “quando o senhor fala do sujeito e do real, somos tentados, à primeira vista, a considerar os termos em si mesmos. Mas, pouco a pouco, nos damos conta de que eles devem ser tomados em sua relação e que têm uma definição topológica”. A psicanálise lacaniana considera o sujeito *do inconsciente* como uma função estrutural forjada no enlace entre os registros do Simbólico (a lei, a linguagem), do Real (o inapreensível) e do Imaginário (a especularidade,

a imagem), presentificada nas falhas do indivíduo empírico, pulsando e voltando a esconder-se (Lacan, 1995). Tais diferenças, entretanto, não proíbem o diálogo – ou, pelo menos, não deveriam sancionar, *a priori*, o manejo entre os autores.

Nesse sentido, alinhamo-nos a Pinheiro, Aguiar e Carvalho (2019) ao propor, metodologicamente, uma interface entre o dialogismo e a psicanálise a nível de *semelhanças de famílias*, conforme as formulações de Ludwig Wittgenstein. Tal “exercício aproximativo” tenciona “favorecer o trânsito dialógico de metáforas e alegorias que favoreçam a ampliação do olhar tanto para a psicanálise quanto para o dialogismo, como se uma pudesse ser o excedente de visão³ da outra” (Pinheiro; Aguiar; Carvalho, 2019, p. 272), abrindo espaço para a investigação de relações dialógicas capazes de criar inteligibilidades sobre determinado objeto de pesquisa.

Em *O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas: um experimento de análise filosófica*, Bakhtin (2016, p. 92) defende que “as relações (de sentidos) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva” não conhecem limites cronotópicos, visto que “[d]ois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontando no plano do sentido (não como objetos e não como exemplos linguísticos [simplesmente], acabam em relação dialógica)”. Considerando o inesgotável escopo temático que abarca e nutre relações dialógicas, privilegiamos, na esteira de Bakhtin (2017b, p. 28) as “zonas fronteiriças” entre disciplinas, “[s]em brigas na linha de delimitação” de suas singularidades, mas com “delimitações benevolentes” e cooperativas entre elas – em nosso caso, o dialogismo e a psicanálise.

Em tais zonas fronteiriças, alinhamo-nos a Bakhtin (2017a, p. 59, grifos no original), em *Por uma metodologia das ciências humanas*, ao pensar que o “objeto das ciências humanas é o ser *expressivo e falante*”, que “nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado”. O ser falante desta pesquisa manifesta-se tanto na memória relatada da internação, quanto na análise desenvolvida, entendendo o gesto de pesquisa como “réplica, como posição semântica, como sistema de motivos” (Bakhtin, 2016, p. 78), à experiência pandêmica. Nisso se dá a “especificidade do pensamento das ciências humanas, voltado para pensamentos e sentidos, e significados dos outros, etc. realizados e dados ao pesquisador apenas sob a forma de *texto*” (Bakhtin, 2016, p. 72, grifos no original). Por fim, pela perspectiva bakhtiniana, contemplamos o objeto de pesquisa com interesse dialógico à zona entre *sujeitos* de pesquisa (o que inclui os pesquisadores). Com efeito, “[n]o processo da comunicação dialógica com o *objeto*, este se transforma em sujeito” (Bakhtin, 2017b, p. 40-41, grifos no original), permitindo que a voz da paciente internada, em diálogo com as vozes sociais pandêmicas que permearam o encontro desta com a pesquisadora, dialogizem-se⁴ no texto de pesquisa, forjado entre seus sujeitos (Bakhtin, 2015).

3 As autoras mencionam o conceito bakhtiniano de *excedente de visão*, produto da tensão entre singularidades imiscíveis, preservadas em suas diferenças, gerando um “conjunto das ações internas ou externas que só eu posso praticar em relação ao outro, a quem elas são inacessíveis no lugar que ele ocupa fora de mim”, levando à complementação do “outro justamente naqueles elementos em que ele não pode completar-se” (Bakhtin, 2023, p. 69).

4 Bakhtin defende que, no gênero romanesco, o autor, ao enformar a vida de uma personagem, acolhe a diversidade de vozes sociais que a circundam. Estas, também chamadas de linguagens sociotípicas ou heterodiscurso, “são pontos de vista específicos sobre o mundo, formas de sua compreensão verbalizada, horizontes concreto-semânticos e axiológicos específicos” que se tensionam no discurso do autor via dialogização ou interiluminação (Bakhtin, 2015, p. 67). O heterodiscurso, sendo a realidade da enunciação na vida e na arte, é também mobilizado de forma análoga neste relato de caso clínico.

Quanto ao encaminhamento dado às vozes sociais dialogizadas nesta pesquisa, salientamos que uma das estratégias propostas pela Organização Mundial da Saúde para lidar com o estigma de pacientes infectados por COVID-19 é abordar narrativas e casos de recuperação para, com isso, reduzir os impactos negativos na saúde mental dessa população (Pavani *et al.*, 2021). Considerando essa proposta, apresenta-se um relato de um caso de uma paciente que foi atendida por uma psicóloga durante a sua internação hospitalar, que durou cerca de 90 dias. Os atendimentos ocorreram sempre no leito onde a paciente se encontrava e tinham frequência de cerca de três vezes na semana, tendo em vista que o caso demandava um acompanhamento contínuo a fim de prevenir efeitos prejudiciais da internação prolongada, como a perda de noção de tempo e espaço, bem como o afastamento do ambiente familiar e das suas atividades de vida diária.

Para fins éticos, considerou-se a Resolução n. 510 de 2016 (Ministério da Saúde, 2016), que no primeiro artigo indica que não será registrada nem avaliada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, ou pelo Conselho Nacional de Ética em Pesquisa, “pesquisa que objetiva o aprofundamento teórico de situações que emergem espontânea e contingencialmente na prática profissional, desde que não revelem dados que possam identificar o sujeito” (Ministério da Saúde, 2016, art. 1). Desse modo, o nome da paciente e outros dados que possam permitir identificá-la não são apresentados. Tais omissões não prejudicam a apresentação o do caso ou a discussão teórica.

O trabalho preocupou-se em desenvolver a discussão teórica considerando a irrepitibilidade dos eventos vivenciados com a paciente durante o momento singular da sua internação (Bakhtin, 2010). Com isso, não pretendeu generalizar os achados de pesquisa, mas focar a reflexão teórico-ética atinente às questões suscitadas pela pandemia.

No que se refere ao relato dos atendimentos, teve-se em vista a impossibilidade de descrever a totalidade dos eventos e das palavras trocadas e, portanto, a parcialidade e o inacabamento inerente à escrita. Optou-se pela ênfase na transmissão do tom volitivo-emocional dos encontros, assim como a reconstrução narrativa desenvolvida pela paciente.

3 RELATO DA INTERNAÇÃO

O ser expressivo e falante representado neste relato é uma mulher de aproximadamente 55 anos; branca; classe média, a quem atribuímos o nome fictício de Joana, visando à preservação do anonimato. Joana é casada e possui uma filha, um filho e um neto. Também, trabalha como professora de séries iniciais em uma escola municipal, profissão exercida há anos e a que se dedica muito; nas palavras da filha, “sempre foi muito ativa”, “sempre se virou para cuidar dos filhos”. Quanto à escolaridade, Joana, à época da internação, estava concluindo o curso superior de Pedagogia. A paciente refere ter “uma boa relação com seus pais”, nas suas palavras, já idosos; demonstrava muita proximidade com o pai, relatando que elas conviviam com bastante frequência e que ele era muito atencioso com ela. Não relata queixas ou preocupações especificamente relacionadas à mãe.

A paciente busca atendimento em um hospital de pequeno porte do município em que reside,

ingressando por meio do acolhimento⁵, quando apresentava sintomas de COVID-19, como falta de ar e muita dor no corpo. A paciente desmaia e, posteriormente, é encaminhada à Unidade de Terapia Intensiva COVID-19 desse hospital. Lá, é sedada e entubada, só acordando muitos dias depois.

Durante o período em que esteve sedada, lembra-se de alguns eventos e algumas falas da equipe, como quando sentiu alguém revirar seu corpo, dizendo “que pena, uma mulher bonita dessas se acabando em cima de uma cama”⁶, ou “não vai passar de hoje”. As intervenções com a paciente durante o período de sedação envolveram reproduzir áudios que os filhos enviavam. Após a paciente sair da sedação, foi possível realizar videochamadas para que se comunicasse com a sua família. Apesar de seguir entubada, conseguia se comunicar à sua maneira, e os filhos conseguiam expressar seus sentimentos relacionados às angústias e expectativas de recuperação da mãe. Conforme a vivência de internação hospitalar em contexto pandêmico testemunhada pela psicóloga, as visitas virtuais foram de suma relevância para o bem-estar dos pacientes e das suas famílias, bem como para amenização das angústias e ansiedades.

Joana indica que, ao acordar da sedação, esteve emocionada, chorando, quando, de repente, fora abordada por uma técnica de enfermagem da equipe da unidade que lhe mandou cessar o choro. Ao narrar tal acontecimento em um atendimento posterior, a paciente questiona: “quem disse que eu tava chorando de tristeza? Era de alegria de estar viva”. Nesse ponto, a ausência de escuta e de acolhimento não permite explorar e ressignificar os diferentes sentidos que uma expressão ou um comportamento podem abranger. Assim, o profissional supôs conhecer e, com isso, interpretou de modo equivocado a experiência singular da paciente manifestando, com isso, um modo de silenciamento que diverge drasticamente da prática analítica. Em um espaço que se pretende analítico, o não saber e a escuta ocupam um lugar de primazia; as suposições prévias e os julgamentos antecipados precisam estar em suspenso.

Após sair da UTI COVID-19 e passado o período de isolamento, a paciente foi para a UTI, onde podia receber visitas da família. Nos primeiros atendimentos, encontrava-se traqueostomizada, ainda dependendo de ventilação mecânica e não conseguindo comunicar-se através da fala. A comunicação era difícil, mas o manejo clínico oferecia *presença*. Não somente a presença para fazer companhia, mas a presença do profissional que se oferece como suporte para a escuta do sujeito, testemunhando sua narrativa e assumindo um lugar responsivo dentro de um cronotopo, a fim de compartilhar uma experiência junto ao outro. Além disso, é importante destacar que a ausência de convívio com familiares e pessoas próximas favorece um cronotopo em que o sujeito tem dificuldade de reconhecer a si mesmo sem o olhar do outro.

Com os atendimentos, foi possível compreender a forma como a paciente se comunicava, lançando mão de recursos como gestos, expressões e leitura labial. Em alguns momentos, com os cuidados necessários devido à pandemia, foi possível que a paciente recebesse visitas presenciais de alguns familiares.

Nos atendimentos realizados na UTI, Joana expressava sua angústia, seus medos, a vontade de

⁵ No hospital, os pacientes podiam ser internados via triagem no acolhimento ou encaminhados pelo Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU). Via SAMU, os pacientes já ingressavam em leito na emergência. Via acolhimento, os pacientes passavam pela triagem da enfermagem e atendimento médico.

⁶ As falas entre aspas são transcrições literais do que foi relatado pela paciente.

retornar à casa, descrita como um espaço muito florido. Tal relato do espaço da casa irá contrastar com aquele feito posteriormente, do lugar onde estava durante o tempo em que esteve sedada e entubada. Relata ainda suas dores, mas ainda assim a esperança de que iria conseguir recuperar a sua saúde.

Após Joana não mais precisar de ventilação mecânica, enfim pôde comunicar-se verbalmente. Então, menciona não saber como era possível que eu compreendesse o modo de ela se comunicar durante os atendimentos, tendo em vista que seus familiares frequentemente não entendiam o que ela queria dizer. Nesse ponto, é necessário destacar que foi preciso acostumar-se ao modo da paciente se manifestar e, por vezes, recorremos à interlocução escrita.

Estando em vias de recuperação, foi transferida à unidade de internação clínica. Com isso, passou a estar sempre acompanhada de algum familiar para auxílio dos seus cuidados, tendo em vista apresentar muita dificuldade em realizar atividades como portar-se de pé, caminhar e ir ao banheiro. Nesse período, também começou a elaborar cenas associadas ao período em que esteve sedada. Estas afiguram a jornada de estar sozinha e perdida, buscando retornar à própria casa; está sozinha em um lugar escuro, em uma cidade onde se perde. Nessa cidade, muitas pessoas se dirigem a um lugar sujo; lá, são “cortadas”, “picadas” por um homem. Joana relatou ter precisado parar muitas vezes para “descansar”, só depois retomando a busca da própria casa. Ainda, relatou algumas vezes ter sentido alguém segurar a sua mão, com isso reconhecendo certo amparo para seguir na sua busca.

Ao acordar, Joana não encontrou sua casa em um primeiro momento. Referiu ter se sentido em “outro país”, em um espaço desconhecido, sem a presença de uma instância de alteridade já familiar e conhecida. Pensava estar internada por ter tido uma filha, mesmo sem ter idade para gerar mais filhos, e que ela teria um nome, que acreditou ter sido uma escolha do marido, pois, para ela, esse nome aparentava ser estranho. Joana relata que a sua confusão fora amenizada quando um técnico de enfermagem perguntou a outro que dia era, e ela pôde, pela resposta à pergunta, se situar.

Na unidade de internação clínica, foi possível acompanhar uma visita do neto à paciente; visita que, nas palavras dela, “foi a cura para a cabeça”. Antes, apresentava gagueira para falar, confusão de pensamentos e dificuldade de lembrar seu passado, apesar de estar situada espacialmente. Após a visita do neto, sentiu-se renovada e ansiosa pelos planos futuros, pois pretendia concluir a graduação em Pedagogia em breve.

A internação se tornou um período em que a vida estivera em suspenso em alguns momentos; entretanto, pôde realinhar-se no e pelo contato e encontro com o outro. Joana vivenciou a morte de diversas pessoas fisicamente próximas a ela, na mesma unidade – uma experiência que pode ser compreendida como potencialmente traumática, pois coloca em questão a sua própria vida. No entanto, não deixou de construir modos de estar com os outros – através de vídeo chamada, da presença de profissionais da saúde que a acolheram e, por fim, com a visita do neto – a fim de poder retomar sua vida, sem negar a radical experiência da iminência da morte no cenário brasileiro de desalento. Nesse âmbito, uma experiência de tanta angústia só é suportável com a evocação da linguagem (Lacan, 1998) inscrita na cena de hospitalização pelas relações alteritárias nutridas com um outro-cuidador a quem se pode endereçar o enunciado (Bakhtin, 2016), conforme discutiremos na seção que segue.

5 DISCUSSÃO

O relato de Joana sobre o seu processo de adoecimento e de internação, assim como a relação construída entre analista e paciente, nos levaram à reflexão sobre o cronotopo pandêmico. Na leitura bakhtiniana, o conceito de cronotopo surge como recurso às análises literárias, relacionando tempo e espaço com “a imagem do homem na literatura” (Bakhtin, 2018b, p. 12). Para além da esfera artística, o cronotopo indicia a díade tempo-espaço enquanto elementos que participam indissociavelmente dos eventos, organizando as apreciações e as especificidades das interações discursivas entre sujeitos. A cronotopia, portanto, é parte constitutiva dos sentidos, dando o tom dos encontros alteritários (Bakhtin, 2018b).

Para o pensador russo, o contexto do ato ético demanda a encarnação de valores culturais (historicizados) no devir do sujeito, que responde a tais valores quando encontra seu interlocutor. Trata-se de um contexto concreto, sensível e tangível, em que se expressam tons emotivo-volitivos, ou seja, avaliações que envolvem a ética do encontro e os componentes ideológicos e emocionais que o abarcam (Bakhtin, 2010; 2023). O cronotopo refere a semantização do espaço e do tempo como *participantes* do encontro com o outro. Assim sendo, a cronotopia de um ato e de um enunciado também compõem a expressão de tonalidades volitivo-emocionais, nunca estáticas: “o próprio tempo da história é irreversível, evidentemente, mas no interior todas as relações são fortuitas e relativas (e reversíveis), posto que não há um centro de valores absoluto. Sempre ocorre alguma estetização da história” (Bakhtin, 2023, p. 14).

Em outras palavras, o princípio do ato é o encontro entre *eu* e *outro* como dois centros de valores distintos, radicalmente singulares e responsáveis por seus lugares subjetivos, que reatualizam os sentidos da cultura na interação viva (Bakhtin, 2010). No encontro dialógico, ocorrem os enunciados e, com eles, surge a possibilidade de ressignificar dialogicamente a experiência, retonalizando a compreensão de uma dada vivência (Benjamin, 2020), da mesma forma como os cronotopos “podem incorporar-se uns aos outros, coexistir, entrelaçar-se, permutar-se, confrontar-se, contrapor-se ou encontrar-se em inter-relações mais complexas” (Bakhtin, 2018b, p. 229), engendrando um diálogo espaço-temporal na construção de sentidos.

Podemos compreender que tal construção cronotópica de sentido fundamenta, estrutura e traz consistência ao dizer, atando-o à relação alteritária com o interlocutor, de maneira análoga à consistência imaginária de uma dada articulação simbólica que enfrenta o não-sentido do real. Segundo Lacan (2005), a cena analítica se estrutura, de um lado, pela “palavra que serve como senha” (p. 24), que tem a “propriedade de ser escolhida de forma completamente independente de sua significação” (p. 25) e, de outro, pela referência imaginária dessa palavra, fundada na “tentação, pelo sujeito, de constitu[í-la] *hic et nunc* na experiência analítica” (p. 28). Nesses excertos, ao preenchimento dêitico pelo sujeito enunciado – processo que organiza dois pequenos outros imaginários em uma dada cena, em um dado espaço e tempo – subjaz a dinâmica simbólica significante. Travando relações dialógicas com Bakhtin (2018b), podemos dizer que os pensadores se aproximam quanto ao papel estruturante das relações

espaço-temporais ao sujeito que enuncia, visto que o cronotopo organiza, na pequena cena, o horizonte ideológico e avaliativo de uma dada interação, ao passo que reenvia, na grande cena, aos sentidos outros historicizados na linguagem.

Mais adiante em seu ensino, Lacan (1995) afirma que o entrelaçamento entre o signo puro e sua significação imaginária, como ponto de estofo que ata o significante ao significado, enfrenta sempre a experiência de morte, na qual o sujeito percebe a arbitrariedade do significante no enlace com o significado. Por isso, “[a]s relações do homem com o significante [...] estão precisamente ligadas a essa possibilidade de supressão, de colocação entre parênteses de tudo aquilo que é vivido” enquanto material com significado (Lacan, 1995, p. 46), sendo essa vivência um dos efeitos do real, registro relativo ao impossível de representar. Logo, quando o ponto de capitonê, que enlaça uma significação, se esgarça, com isso esgarçando o enunciado à força bruta do real, o sujeito não tem possibilidade de advir, com isso formulando uma palavra plena (Lacan, 1998).

A palavra plena tem função evocatória, pois “[o] que [se busca] na fala é a resposta do outro” e, “[p]ara encontra-lo, chamo-o por um nome que ele deve assumir ou recusar para me responder” (Lacan, 1998, p. 301). No relato, Joana, saindo da sedação, qualifica a cena de um enfermeiro perguntando ao outro em que dia eles se situavam como condição de possibilidade à sua reorganização psíquica. Por um lado, a cena registra uma dinâmica de endereçamento do dizer ao outro, na e pela qual o sentido se constrói e se socializa (Bakhtin, 2016); por outro, a cena evoca a própria linguagem, com suas leis simbólicas e suas possibilidades de torná-las consistentes imaginariamente, via preenchimento dêitico (Lacan, 2005). Com isso, a experiência de afânise do sujeito, de seu evanescimento durante os primeiros momentos pós-sedação, é tensionada com a presença alteritária que a cronotopia comporta, abrindo as portas do enunciado ao sentido (Bakhtin, 2018b). Dito diferentemente, a pergunta sobre o dia certo daquela interação restitui à Joana as condições para que esta possa, pouco a pouco, reencontrar as sustentações espaço-temporais de um dizer que a abarque subjetivamente.

A cronotopia da internação por COVID-19, entretanto, traz suas particularidades. Pesquisadores bakhtinianos salientam que, no Brasil, as vivências ocorridas durante a pandemia se deram em um cronotopo específico, para o qual havia poucas referências sobre como se situar frente à iminência do risco de contaminação e à proximidade da morte. Rohling (2020) defende que, nessa cronotopia, “estão em contato tenso e intenso o vírus e o corpo” (p. 5227), deslocando os sentidos sociais da corporeidade. Leiroz e Sacramento (2021, p. 387), por sua vez, pontuam mudanças na vivência temporal, transformada em um “eterno presente, sem expectativas de futuro”.

No que se refere ao contexto brasileiro, Dunker (2023) enfatiza que o país apresenta especificidades na lida com lutos, a principal delas sendo a resistência ao reconhecimento, de modo que se buscar recalcar o tema, escamoteando do diálogo; no entanto, é necessário discuti-lo para a sua elaboração e produção. Nesse sentido, compreendemos que o contexto de morte incidente no cronotopo pandêmico exige a elaboração de uma miríade de lutos, em escala individual e social. Caso estes sejam reconhecidos e vivenciados, o sujeito pode vir a produzir algo novo a partir da falta. No entanto, se tal atravessamento não ocorre, o sujeito permanece em uma posição melancólica, de lamento pela perda. Para Dunker (2023), a elaboração ocorre quando o sujeito enlaça o luto à própria narrativa.

Para compreender a noção de trauma evocada pelo desalento no cronotopo pandêmico, utilizamos o conceito tal conforme este fora abordado e desenvolvido por Freud (2010a; 2010b), designando um conteúdo não elaborado, ligado, simbolizado e articulado à história do sujeito. Para que ocorra a elaboração/perlaboração psíquica, é preciso um trabalho⁷ que envolve “dar tempo ao paciente para que ele se enfronte na resistência” subjacente ao sintoma, “para que a supere, prosseguindo o trabalho apesar dela” (Freud, 2010a, p. 207-208). Na cena analítica, a alteridade entre analista e analisando sustenta, no meio discursivo-objetivo, o processo psíquico necessário ao enfrentamento do sintoma, contrário à “política de avestruz”, segundo a qual o paciente, nada querendo saber do que lhe aflige, esconde-se do desconforto representado pela pesquisa inconsciente (Freud, 2010a). O conteúdo a ser elaborado precisa “tornar-se um digno adversário, uma parcela do seu ser fundamentada em bons motivos, de que cabe extrair algo valioso” para a vida futura (Freud, 2010a, p. 203).

No caso de Joana, um dos prováveis indícios de elaboração é a carga afetiva, emotivo-volitiva que acompanha a interação discursiva com a psicóloga, conforme a lembrança da cena em que a paciente chora, mas não por tristeza, senão pela alegria de continuar viva. Vertzman e Romão-Dias (2020) pontuam que a possibilidade de elaborar a dor insuportável em experiência, narrando o sofrimento, é um ponto crucial do trabalho psíquico, propiciando que o sujeito encadeie as situações vivenciadas a uma história socializável. Disso deriva o argumento de Dunker (2023) de que há uma função política em inscrever o luto na história, na forma de um traço que irá modificar o sujeito. Assim, o ato ético em que Joana se engaja com a psicóloga reestrutura a vivência em uma experiência articulada nos polos do eu e do outro, trazendo ao enunciado o conteúdo emotivo-volitivo que tonaliza a dinâmica responsiva alteritária (Bakhtin, 2010). A política envolvida nesse ato historicizado implica o tensionamento entre a cronotopia da sedação, da solidão, da impossibilidade de comunicar-se com a família senão pela mediação de tecnologias, e a concretude do encontro com a psicóloga. De fato, segundo Bakhtin (2018b), o encontro e o limiar são cronotopos que acenam à radicalidade alteritária incidente na transformação mútua entre sujeitos, o que pode ser percebido na ressemantização do choro entre tristeza e comemoração, desamparo e alívio.

O trabalho do analista, por definição, implica escuta e acolhimento à subjetividade, a partir de uma dinâmica transferencial que dialogiza cenas passadas ao tempo-espaço do encontro. A relação transferencial abrange uma particular relação que permite ao analisando recordar antigos modelos de amor (Freud, 2016), na forma de uma “catarse dos elementos inconscientes” (Lacan, 2008, p. 143) por conta dos desfechos enunciativos singulares que a lembrança pela fala demanda. Em nosso caso, o cronotopo da sessão psicanalítica, modificada pelo cronotopo hospitalar e pandêmico, inscreve o corpo recém-saído da sedação em uma situação espaço-temporal que, aos poucos, semantiza e interpreta as inclinações do próprio corpo à interação, como no caso dos gestos, das expressões faciais e da leitura labial. Trata-se de um reencontro do corpo com a linguagem que, literalmente, proporciona um solo comum a ressignificação do impossível de compreender por parte dos familiares. Efetivamente, a partir da análise, pode-se interrogar a posição ocupada pelo sujeito frente aos outros significativos,

⁷ Segundo nota de rodapé do tradutor Paulo César de Souza, *durcharbeiten*, *Durcharbeitung*, trabalhar (*arbeiten*) ao lado, através (*durch*).

considerando que o analista passa a integrar essa série de outros significativos para o sujeito.

Ainda sobre a cena que visa ocultar o afeto de Joana, podemos dizer que a narrativa em análise é tecida por constantes construções, reconstruções e ressignificações de lembranças ao longo do processo analítico, processo em que o sujeito ocupa um tempo *fora do tempo*, sem contornos precisos entre início, meio e fim (Souza, 2018, p. 391). Compreendemos o referido caráter “fora do tempo” não como a virtualização do tempo e do espaço, mas a construção de um lugar e de um ritmo de fala que não apresse ou corte a fala do sujeito indevidamente, esperando pela emergência de sua realização em palavra plena (Lacan, 1988; 1998). Explorando o relato da paciente quando esta afirma não saber como a analista pudesse compreender o que ela dizia, podemos supor que o cronotopo pandêmico em contexto hospitalar incide na socialização do dizer – mais especificamente, na passagem do discurso interior ao exterior⁸ (Volóchinov, 2018) – e nas próprias dinâmicas alteritárias da interação pela injunção ao afastamento entre interlocutores. Dito de outro modo, espaço-tempo pandêmico parece semantizar o silêncio – presente em figuras narrativas como o relato da sedação – como modo de interlocução normalizado, corrente, que causa espanto ao ser respondido pela escuta da analista em atenção flutuante. Nesse caso, não se trata de compreensão racional, tampouco de responder a todos os pedidos da paciente, mas da dialogização entre o cronotopo pandêmico-hospitalar àquele da sessão analítica, dialogizando linguagens, “ligando” um dizer a outro pela via do afeto e, enfim, produzindo os efeitos (trans)formadores do encontro.

O cronotopo vivenciado dentro de uma UTI, conforme o relato, se caracteriza também pela experiência de sedação e inconsciência; além disso, trata-se de um espaço com iluminação e barulhos constantes, em que a percepção da morte de outros pacientes causa tensão, conforme relato pela paciente durante atendimento. Há ainda um potencial estressor e traumático nesse ambiente, cujo trabalho dos profissionais busca minimizar (La Calle, Martin; Nin, 2017; Parreiras *et al.*, 2020). No estudo realizado por Parreiras *et al.* (2020), por exemplo, os pacientes relataram a percepção de um tempo em suspenso e a sensação de desorientação, de maneira similar à descrição dos sintomas depressivos conforme descritos por Kehl (2009). A desorientação, nesse âmbito, reflete um desencontro do paciente com o tempo dos outros, aquele comentado e reacentuado pelas vozes do heterodiscurso (Bakhtin, 2015), o qual gera um senso de estabilização da realidade discursiva comum. Em nosso caso, Joana ocupava um cronotopo limítrofe entre o pandêmico-hospitalar e aquele deiticamente reatualizado na sessão de psicanálise, habitando tal entrelugar de modo mais ou menos solitário, sobretudo quando está em coma, incapaz de verbalizar.

O entrelugar cronotópico referido contribui para a formação de imagens de despedaçamento do corpo, remetendo às fissuras entre o dentro e o fora, com isso produzindo uma imagem do horror, afeto que compõe a dimensão traumática. No entanto, a partir dessa posição, o sujeito pouco consegue narrar e, por consequência, assimilar o que foi vivenciado (Benjamin, 2020). Na construção narrativa produzida por Joana, há um movimento enunciativo no qual a paciente pôde traduzir parte da experiência de coma vivenciado durante o período em que ela esteve na UTI. Isso se mostra na menção ao

⁸ Segundo Volóchinov (2018), o enunciado se constitui na dialética entre o discurso exterior, aquele objetivado e compartilhado nas/pelas coletividades, e o discurso interior, que é uma assimilação reacentuada do primeiro.

“reviramento do corpo” pelos profissionais de saúde, indício de valoração da experiência no/pelo encontro alteritário com a psicóloga. Nesse momento do relato, testemunhamos como o cronotopo pandêmico, com as mortes em massa e a demanda de trabalho eficaz dos profissionais, transformou corpos em objetos desprovidos de subjetividade (Rohling, 2020). A possibilidade de a paciente responder às experiências de não-reconhecimento do próprio corpo na/pela enunciação de sua experiência indicia um início de perlaboração.

Apesar de todas as angústias colocadas, a paciente também menciona o tempo para refletir como um dos elementos positivos da internação. No encontro com o analista, construiu-se uma narrativa sobre a experiência de infecção por COVID-19, contemplando a sedação e a internação na UTI, enfim inscrevendo esses eventos na própria história – processo agudizado pela relação alteritária em um cronotopo compartilhado, fundando uma atmosfera emotivo-volitiva vincular no contexto da UTI. No caso de Joana, a analista promoveu outros vínculos através de tecnologias digitais, tendo em vista a transmissão de áudios de familiares. A voz da analista convoca uma consciência desestruturada pela solidão a retomar sua participação no diálogo com outras vozes, finalmente reencontrado a “rota” de retorno para a própria “casa”, o microcosmo familiar. Em termos lacanianos, podemos considerar que se trata de uma relação de transferência, sendo o espaço de análise – ainda que circunscrito ao cronotopo do hospital – um ambiente de escuta e elaboração de fantasias para as experiências em que é possível resgatar a posição desejante (Lacan, 1988; 2010).

É na tensão entre singularidades contrapostas no encontro inscrito no cronotopo pandêmico, em contexto de internação hospitalar, que os parâmetros espaço-temporais constitutivos do sentido se reinscrevem. Na perspectiva bakhtiniana, diálogo com o outro não é um movimento tranquilo, em que um fala e o outro complementa; trata-se, ao contrário, da emergência das diferenças e, com isso, da “não simplificação da atividade da linguagem” (Di Fanti, 2012, p. 322). O sentido, nessa abordagem, é construído no encontro com o outro: “Um sentido só revela as suas profundezas encontrando e contactando o outro, o sentido do outro: entre eles começa uma espécie de *diálogo* que supera o fechamento e a unilateralidade desses sentidos” (Bakhtin, 2017c, p. 19).

O trabalho do analista apresenta um particular estilo de diálogo no modo de colocar suas questões e de responder ao paciente. Trata-se de um trabalho que requer uma abertura à escuta do outro com o que isso comporta de imprevisto, tendo em vista a associação livre. Na experiência de Joana, a paciente ocupa uma posição de objeto que é manipulado pelos profissionais e como objeto que não escuta o que é falado ao redor. Tal posição é evidente quando se fala sobre a morte da paciente na frente dela, como se ela fosse incapaz de escutar e de sentir. O lugar de diálogo como encontro é uma possibilidade de restaurar a dimensão subjetiva. Isso se dá também quando Joana encontra seu neto, o que promoveu a “cura para a cabeça” da paciente, nas suas palavras.

Freud, a partir do seu trabalho com o inconsciente, assinalava a morte como psiquicamente irrepresentável, uma vez que nunca é vivenciada pelo próprio sujeito durante a vida. Desse modo, nunca se atingiria uma experiência equivalente ao nada absoluto (Freud, 2010b). Bakhtin (2023, p. 84), por sua vez, discorre sobre a impossibilidade de o sujeito observar a própria morte desde a sua própria perspectiva: “só no outro indivíduo me é dado experimentar de forma viva, estética (e eticamente), con-

vincente a finitude humana, a materialidade empírica limitada”. A partir desses pensadores, pode-se assinalar a relevância do trabalho analítico em um espaço habitado pela iminência da morte. Trata-se da possibilidade de falar da angústia sem reprimi-la, de dirigir-se a um outro, de produzir palavras e sentidos, que podem ser contraditórios, não permanecendo em uma única posição de terror e horror.

Dunker (2023), na sua leitura sobre o luto, enfatiza que o vazio do terror ocorre em um “tempo fora do tempo” (Dunker, 2023, p. 269), visto que não é marcado pela simbolização; simbolização que, por sua vez, demanda uma alternância entre presença e ausência da alteridade para operar (Lacan, 1995). A partir da sua colocação, pode-se lembrar o que Joana fala acerca de estar hospitalizada, sem saber os dias, com poucas referências do momento que estava vivenciando. Situação que é parcialmente sanada com a presença da sua família na internação. Nesse sentido, estar desorientado é perceber-se só, sendo o cronotopo a réstia de alteridade com que se constrói algum sentido. O analista reforça a vivência alteritária perlaborativa, evocando tons volitivo-emocionais que ajudem a reestruturar os espaços internos e externos nos quais se possa viver. Bakhtin articula a expressão do tom emotivo-volitivo com os sentidos que o sujeito atribui a cada momento e relação vivenciada: “Se o homem não fosse mortal, seriam extintos o tom volitivo-emocional desse fluxo, desses antes e depois, ainda e já, agora e naquele tempo, sempre e nunca, peso e significação do ritmo sonoro” (Bakhtin, 2023, p. 15-16).

O nascimento e a morte traçam contornos que limitam e, com isso, movimentam o sujeito na sua busca por atribuir sentidos e valores às suas experiências finitas. A expressão desses sentidos e valores ocorre sempre em um discurso, em um projeto enunciativo, em que o tom volitivo-emocional manifesta o lugar singular e único do sujeito. Nessa construção de sentidos relativos à finitude, a posição do analista não visa à representação e à elaboração total das experiências, pois isso seria impossível e, além disso, esgotaria a possibilidade de variação e mudança de sentidos. O lugar alteritário do analista vem a reforçar a emergência do novo, do desconhecido (Souza, 2018). Esse lugar promove um deslocamento de sentidos, construindo outros tons emotivos-volitivos. Observa-se alguns traços desse processo quando Joana narra ter sido repreendida por uma profissional de saúde por estar chorando, julgando saber o motivo pelo qual Joana chorava.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo relatar e discutir, na interface entre o pensamento bakhtiniano e a psicanálise, um caso de acompanhamento psicológico em internação hospitalar por COVID-19, visando a refletir sobre possíveis relações entre elaboração psíquica e alteridade no cronotopo pandêmico. Partimos da hipótese de que problemas no reconhecimento de si e do outro no tempo e no espaço pandêmicos incidam na constitutiva relação entre experiência, enunciação e subjetivação. Para desenvolver a discussão, apresentamos um relato de caso clínico em psicanálise. Os atendimentos foram realizados em uma instituição hospitalar; local onde uma das autoras trabalhou como psicóloga durante a pandemia. A internação da paciente durou cerca de noventa dias. Nesse período, a paciente esteve entubada, em coma induzido; posteriormente, voltou a estar consciente e recebeu visitas de familiares.

Ao longo dos atendimentos, discutimos a resignificação da angústia na experiência de interação, pontuando os temas do vazio e da morte iminente no ambiente hospitalar e no cronotopo pandêmico. Compreendemos que esses movimentos de elaboração da angústia foram possíveis devido, também, à organização espaço-temporal que organiza o encontro entre a paciente e a analista. Logo, partindo de Bakhtin (2018b), encontro com o outro parece contribuir para a sustentação da dimensão subjetiva e sua realização na palavra em face ao sofrimento no cronotopo pandêmico, processo que, segundo Lacan (2005), atualiza dimensões dêiticas na estrutura simbólico-significante. Retomando nossa hipótese pelo viés interfático entre a perspectiva bakhtiniana do cronotopo e aquela de Lacan (1988; 1998; 2010), relativa à evocação intersubjetiva na/pela palavra, a noção de encontro entre um sujeito e o outro, que lhe presta escuta, vai além da atualização dêitico-pragmática no enunciado, sugerindo que as categorias de tempo e de espaço semantizam e interpretam a própria possibilidade de transformar uma vivência desestruturante em experiência enunciável e compartilhável com outros.

Por meio da construção narrativa da paciente, desenvolveu-se um modo de não estar fixada em uma situação de horror e incapaz de tramitar alguma produção e elaboração psíquica. A capacidade da paciente significar o seu sofrimento, resgatando suas referências, seus pontos de amparo na família e sua construção de planos para o futuro, foram enlaces construídos na linguagem e no diálogo. Sendo assim, estar com o outro no cronotopo pandêmico envolveu a necessidade de reconhecer e narrar a angústia.

A experiência narrada por Joana não implicou a fixação em um estado de desalento, uma vez que, através do diálogo, constroem-se meios alteritários de experienciar o mundo e, conseqüentemente, recursos psíquicos e coletivos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do Romance I: A estilística (1934-1935)*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas: um experimento de análise filosófica. In: BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 71-107.

BAKHTIN, Mikhail. Por uma metodologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017a. p. 57-79.

BAKHTIN, Mikhail. Fragmentos de 1970-1971. In: BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017b p. 21-56.

BAKHTIN, Mikhail. A ciência da literatura hoje. In: BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017c. p. 9-19.

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo*. Tradução de Paulo

Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018a.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018b.

BAKHTIN, Mikhail. *O autor e a personagem na atividade estética*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2023.

BARBOSA, Vanessa Fonseca; DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. Notas sobre gêneros do discurso em Bakhtin, Volóchinov e Medviédev. In: ROCHA, D., DEUSDARÁ, B., ARANTES, P.; PESSÔA, M. (org.). *Pesquisar com gêneros discursivos: interpelando mídia e política*. Rio de Janeiro: Cartolina, 2020, p. 185-200.

BENJAMIN, Walter. *O contador de histórias e outros textos*. Tradução de Georg Otte, Marcelo Backes e Patrícia Lavelle. São Paulo: Editora Hedra, 2020.

BIRMAN, Joel. *O trauma na pandemia do Coronavírus: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. Linguagem e trabalho: diálogo entre a translinguística e a ergologia. *Revista Desenredo*. Passo Fundo, volume 8, no. 1, 2012. Disponível em <https://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/2651>. Acesso em 02/01/2024.

DUNKER, Christian. *Lutos finitos e infinitos*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: as idéias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FREUD, Sigmund. Recordar, Repetir e Elaborar (1914). In: *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: ("O caso Schreber")*, artigos sobre a técnica e outros textos (1911-1913). Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.

FREUD, Sigmund. *História de uma neurose infantil: ("O homem dos lobos")*, além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)*. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GRILLO, Sheila Camargo. A obra em contexto: tradução, história e autoria. In: MEDVIÉDEV, Pavel. *O método formal nos estudos literários: introdução a uma poética sociológica*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012. p. 19-38.

GRILLO, Sheila; AMÉRICO, Ekaterina Vólkova. Registros de Valentin Volóchinov nos arquivos do ILIAZV. In: VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019, p. 7-56.

KEHL, Maria Rita. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009.

LA CALLE, Gabriel Heras ; MARTIN, Mari Cruz ; NIN, Nicolas. Seeking to humanize intensive care. *Revista Brasileira de Terapia Intensiva*. São Paulo, volume 29, no. 1, 2017. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5385980/> . Acesso em: 02/01/2024.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 7: a ética da psicanálise. Tradução de Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: LACAN, J. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 238-324.

LACAN, Jacques. O simbólico, o imaginário e o real. In: LACAN, J. *Nomes-do-pai*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 11-53.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Tradução de M. D. Magno. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 8: a transferência. Tradução de Dulce Duque Estrada. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LEIROZ, Flavia Pinto; SACRAMENTO, Igor. Cronotopias da intimidade catastrófica: testemunhos sobre a COVID-19 no *Jornal Nacional. Estudos históricos*. Rio de Janeiro, volume 34, no. 73, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S2178-149420210209>. Acesso em: 02/01/2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Resolução nº. 510, de 7 de abril de 2016*: dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, 2016. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html Acesso em: 02/01/2024.

MORSON, Gary Saul; EMERSON, Caryl. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

PARREIRAS, Paula Sampaio *et al.* O Tempo Vivido no Centro de Terapia Intensiva: a percepção da passagem do tempo na internação. *Revista da SBPH*. São Paulo, volume 23, no. 1, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582020000100010&lng=pt&tlng=pt Acesso em: 02/01/2024.

PAVANI, Fabiane Machado *et al.* Covid-19 and repercussions in mental health: a narrative review of literature. *Revista Gaúcha de Enfermagem*. Porto Alegre, volume 42, n. spe, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/YD6WWBggJmkcBY8jNsFypSd/?lang=en> Acesso em: 02/01/2024.

PINHEIRO, Marina Assis; AGUIAR, Mariana Bentzen; CARVALHO, Glória Maria Monteiro. Limites e possibilidades de interlocução entre o dialogismo bakhtiniano e a psicanálise. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo, volume 22, no. 2, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/5sPFVx7tcTCHdgpPmXpMKdB/?lang=pt#> Acesso em: 02/01/2024.

SOUZA, Mauricio Rodrigues. O jogo dos sentidos em psicanálise: alteridade, verdade e construção, *Psicologia USP*. São Paulo, volume 29, no. 3, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/154617> Acesso em: 02/01/2024.

ROHLING, Nívea. Cronotopo pandêmico e a produção de imagens corpóreas: reflexões inacabadas, *Fórum Linguístico*. Florianópolis, volume 17, no. 4, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/8075476.pdf> Acesso em: 02/01/2024.

VERZTMAN, Julio; ROMÃO-DIAS, Daniela. Catástrofe, luto e esperança: o trabalho psicanalítico na

pandemia de COVID-19, *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo, volume 23, no. 2, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/FCst676jKy6YVJdgwvDRM-QB/?lang=pt#> Acesso em: 02/01/2024.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 3ª edição, São Paulo: Editora 34, 2018.

Submetido em: 23/01/2024

Accite em: 09/12/2024